

Aeroporto



O CORAÇÃO BATIA FORTE. O estômago revirava. Eu estava preocupado, angustiado, desesperado e com um nó na garganta na sala de embarque do Aeroporto Internacional de São Paulo. Em poucos minutos, eu seria reduzido à condição de passageiro. Não era apenas o início de uma viagem, era *a* viagem – aquela que mudaria toda a minha vida.

Corri para o banheiro e joguei água fria no meu rosto. Precisava me acalmar. Respirei fundo. Olhei ao redor. Alívio. Ninguém parecia sequer notar a minha presença.

De volta à sala de embarque, pensava em todas as transformações recentes, em tudo o que tinha me levado àquele momento. Minha respiração começava a ofegar novamente. A cabeça parecia que ia explodir. Eu respirava fundo. Tentava recuperar o equilíbrio mental.

Levantei-me e passei a andar de um lado para o outro. Meus olhos embaçaram. Entrei em pânico. Não queria chorar na frente dos outros, ainda mais de desconhecidos.

Naquele momento, tive vontade de ligar para alguém que fizesse eu não me sentir tão solitário. Procurei meu celular no bolso. Onde estava? Eu não o tinha mais.

Fiquei ainda mais nervoso. Será que aquilo era real? Estava em um momento tão importante de recomeço que, além do celular, eu já não tinha mais nada do que possuía antes. Era o ponto zero.

Comprei um cartão telefônico na lojinha da sala de espera. Eu decidi arriscar. Fui correndo ao telefone público e liguei para meu irmão mais

velho, João Carlos. Estava desesperado. Afinal, em poucos minutos, ouviria a chamada para o embarque e tudo seria ainda mais difícil.

Confesso que quis desistir. Seria possível mandar retirar todas as bagagens do avião? Não, eu não queria. Não poderia. Isso faria com que me sentisse um completo fracassado. Não tinha mais volta. Precisava, sim, seguir com tudo o que tinha planejado.

Quase no último toque, meu irmão atendeu.

Eu não conseguia organizar as palavras. Não me contive. Agarrado ao gancho do telefone público do aeroporto, chorei, chorei e chorei.

Minha aflição se resumiu a isso: lágrimas e soluços.

Foi intenso, mas não mais do que todos os sonhos que eu tinha tido até então. Sonhos que estavam prestes a se tornarem realidade.

Não era pouco. Eu estava mudando completamente de vida. Desafiando as crenças de todos ao meu redor. Contrariando os conselhos que haviam me dado – sem que eu solicitasse.

- Alô! Era João Carlos, tentando conversar e fazer com que eu voltasse a mim.
- Oi... falei meio engasgado. Estou com medo. Muito! Estou me sentindo sozinho. E se nada der certo? O que foi que inventei de fazer?

Meu pavor era real. Eu não fazia a menor ideia do que me esperava do outro lado do Atlântico. Um idioma desconhecido. Costumes diferentes dos meus. A incerteza de encontrar alguma forma decente para sobreviver.

Quando me via naquela situação, eu não conseguia compreender meu percurso até aquele momento. Não parecia que era eu o protagonista de tamanha decisão, de tantas rupturas. Era a própria vida que havia me guiado, me levado àquela viagem inusitada. O intangível do sonho me amedrontava.

Meu nome é Lufe Gomes e, admito, eu me achava um louco. Afinal, somente um louco abandonaria a família, os amigos, a carreira e toda uma vida confortável em busca de algo que nem sabia o que era. Apenas um louco se lançaria em meio a um redemoinho descontrolado. E isso tudo aos 30 anos – seria bem diferente se eu tivesse uma década a menos e pudesse me gabar da condição de um jovem aventureiro.

Ao entrar naquele avião, eu recomeçaria do zero. Era como se houvesse a possibilidade de *resetar* a vida. Era como viver duas vidas diferentes dentro de uma só existência. Eu iria experimentar.

– Lufe? Lufe? – Meu irmão tentava me tirar daquele transe.

- Oi? respirava ansioso, com lágrimas escorrendo sem parar.
- Escuta. Isso é importante! João Carlos, sereno, transmitia calma e sabedoria. – A coragem e a determinação de meu irmão em seguir seus sonhos sempre inspiraram a todos nós. Ele sempre foi um vencedor em tudo aquilo que se propôs a fazer.

Eu fiquei em silêncio. Saboreava as palavras. Acalmava-me.

– Existe uma coisa por lá que somente você pode fazer – prosseguiu meu irmão. – E mais ninguém pode fazer isso por você. É por isso que está sendo levado pela vida. Respira fundo! Coragem! Vá lá e faça! Simples assim!

Vá lá e faça. Vá lá e faça! Era isso. Essas palavras ecoavam em minha cabeça. Como um mantra. Vá lá e faça! Isso fez com que me reconectasse a tudo aquilo em que eu sempre acreditei.

Ainda estava me despedindo quando os créditos do cartão acabaram. Fiquei imóvel com o gancho na mão. Era mesmo como se todo aquele mundo que eu conhecia como meu estivesse agora ficando para trás.

Fechei os olhos. A cabeça encostada na parede. Coragem.

Uma tranquila voz feminina falava ao microfone, ecoando no salão e me acordando do transe: era hora de embarcar. Abri os olhos. Enxuguei as lágrimas. Respirei, enchendo os pulmões e colocando a coluna firme e ereta. Em poucos minutos, como um guerreiro prestes a encarar a maior batalha de sua vida, entrei naquele avião como se passasse por um poderoso portal.

Estava a caminho de Londres e do desconhecido que me esperava por lá.

Trinta anos e duas malas



- VOCÊ NÃO NASCEU AQUI nesta rua, nem neste bairro, nem nesta cidade. Muito menos neste estado ou neste país! Você nasceu neste planeta, meu filho! Tem só uma vida inteira para viver! Se tem o desejo de conhecer onde nasceu, saiba que foi neste mundo. Então, vá lá e descubra, veja, sinta, viva. Tudo isso lhe pertence!

Na sonolência do voo, era em meus pais que eu pensava. Eles costumavam me encorajar a sair do ninho. O que é sair do ninho senão me aninhar ao redor do mundo, afinal? Desde criança eu sonhava em ser um desbravador, encantado por descobertas, conquistas e viagens.

Você pode viver várias vidas em uma só – definia minha mãe.

Eu sempre acreditei nisso. Já tinha vivido a vida de criança, a de jovem, a de universitário, a de recém-formado, a de pós-graduado, a de novato no emprego e a de reconhecido profissionalmente. A vida de viajante, a de namorado, a de solteiro, a de festeiro, a de filho, a de amigo. Nos últimos anos, entretanto, vivia uma vida de angústias, desilusões e desânimos. Queria mudar meu rumo. Começar algo novo. Sentir o encantamento outra vez. Talvez fosse a famosa crise dos 30 anos.

Por que algo estava me levando para outro país?

Uma coisa era certa: queria um encontro comigo mesmo, com minha essência interior. Sempre acreditei que certa força iluminada colocava as pessoas em minha vida. Devia haver um propósito maior. Era o que eu procurava. Estava convencido de que tal força usava as mais diferentes formas para se comunicar com cada indivíduo. Por isso, eu também desejava desenvolver a habilidade de escutar e enxergar com sabedoria os sinais que a vida me mostraria a partir daquele momento.

Firmei um pacto comigo mesmo. A primeira regra era começar de um ponto zero. A outra era o compromisso de deixar, o tempo todo, a mente aberta para captar o que fosse importante para meu amadurecimento.

Além da minha busca pessoal, profissional e espiritual, nada mais deveria me preocupar.

Inebriado pelo sono, eu adormeci no avião com esses pensamentos. Acordei com a luz do sol em meu rosto e a movimentação dos comissários trazendo o café da manhã. Londres estava perto. Ao avistar as primeiras imagens da cidade lá embaixo, me dei conta de que jamais havia planejado viver na Inglaterra. Não fazia ideia dos reais motivos que tinham me atraído até ali.

Eu simplesmente queria mudar de vida, me encontrar, me conhecer.

Deixei todas as coisas para trás. Desfiz minha casa e doei tudo que eu tinha para minhas irmás. Vendi o carro, desapeguei completamente da parte material e, agora, todos os meus pertences cabiam em apenas duas malas de viagem.

O fim – ou melhor, o começo



DOIS AMIGOS ME ESPERAVAM no aeroporto. Arthur, que é inglês, e Annabela, a sua namorada italiana.

- Ei, aonde você vai? perguntou ele, ao me ver puxando o trinco da porta do carro.
 - Ué, vou entrar no carro...
 - Lado errado riu Annabela. Este é o lado do motorista!

A famosa mão-inglesa foi só uma – e das mais corriqueiras – das tantas e tantas novidades às quais eu teria que me adaptar. Eu já começava a reagir às quebras de paradigmas. Estar dentro de um carro e me ver como se andássemos na contramão era a metáfora para o fim das verdades universais e para o começo da enxurrada de novas informações.

Minha mente estava aberta, mais do que nunca. No caminho, eu pensava na força superior que sempre sinto em minha vida. E em como eu tinha conhecido Arthur; uma história curiosa.

Eu vivia em Florianópolis, capital de Santa Catarina, na região Sul do Brasil. Apesar de ser uma ilha fantástica, com 42 praias belíssimas, estava insatisfeito. Achava que meu ciclo por lá já tinha se esgotado. Queria novos horizontes, novos desafios e, principalmente, buscar minha essência mais verdadeira.

Profissionalmente, eu estava bem. Dirigia dois programas da emissora de TV local, posição esta que me garantia conforto financeiro. Vivia em frente à Lagoa da Conceição, considerada o coração da ilha e um dos lugares mais cobiçados pelo mercado imobiliário. Dirigia um carro novo e tinha convites para as melhores festas da cidade.

O glamour, entretanto, não me trazia felicidade. Quando eu estava sozinho, me sentia vazio. Sentia dores, chorava e buscava uma nada saudável reclusão.

Meus momentos de paz espiritual vinham apenas de caminhadas pela Praia Mole e ao redor da Lagoa. Eram meus refúgios. Minhas salas de terapia. Eram os lugares onde me isolava do mundo em busca de respostas. Comecei a meditar. Pedia ao universo que a vida desse uma reviravolta. Eu queria ousar, arriscar, recomeçar... Queria sentir ânimo outra vez, êxtase. Não sabia como, nem exatamente o quê. Mas pedia.

Alguns meses depois, fui chamado até a diretoria da TV em que trabalhava. Era um dia tenso, em que a empresa realizava um corte drástico de funcionários para redução de despesas.

- Lufe, você sabe que estamos enfrentando um momento complexo,
 não sabe? perguntou-me Evandro, o diretor geral, naquele
 malemolente início para amaciar o começo de uma difícil conversa.
- Sim, eu sei. E imagino que você não esteja nada bem, não é? Afinal, sua posição no dia de hoje é tão terrível quanto a das pessoas com quem tem conversado...
 Eu transparecia nervosismo, mas busquei forçar o xeque-mate.
 Pois comigo você pode se despreocupar, Evandro. Vá direto ao assunto.
 - Precisamos demiti-lo. Hoje disse ele, sem meias-palavras.

Pode parecer estranho, mas eu tive de me esforçar para não dar um grito. De felicidade. De alforria. Eu estava pensando em pedir demissão havia tanto tempo... A empresa tomou a iniciativa frente ao meu medo, às minhas inseguranças. De quebra, com uma excelente compensação financeira.

- Agora eu vou ganhar o mundo! - sussurrava para mim mesmo.

É isso. Fui demitido. Saí da empresa com a alma leve. E o bolso cheio.

Se eu havia demorado tanto para começar minha mudança, agora não havia mais o que esperar. O barco estava descendo a correnteza, e eu queria fluir naquele movimento. Não seria maluco de parar antes de chegar ao destino. Era o momento de olhar apenas para a frente, me esquecendo de vez das oportunidades do passado.

- Você está com esse ar de satisfação porque ainda não caiu na real provocou-me a produtora de um programa.
 - Por que você diz isso?
- Ah, Lufe, porque não é possível que esteja realmente feliz. Você foi demitido. De-mi-ti-do. Não sabe o que vai fazer da vida. Nem como vai

sobreviver a partir de agora.

- Mas é por isso mesmo que estou feliz. Você não vê?
- Como assim?
- Fico eufórico só de imaginar que eu não sei o que fazer nem como sobreviver. Estou no ponto zero. Acho isso lindo. Tudo o que virá será inédito. Toda uma vida nova pode se abrir para mim a partir deste momento, entende? Considero isso um presente que estou recebendo. Uma chacoalhada. A chacoalhada que eu pedi muito. Às vezes, é só assim que nós acordamos e, então, seguimos para a próxima etapa.
- Mas você estava no topo da sua carreira aqui. Não existe nada melhor do que o trabalho que você tinha.
 - Exatamente por isso. Entendeu agora o meu ponto de vista?
 - Não... não entendi.
- Existe alguma coisa em mim que precisa explorar, conquistar. Se não existe nada melhor aqui do que o que eu já tinha, então, talvez, eu precisasse mesmo sair e continuar a buscar em outras praças, outros cantos, outras energias... Não consigo ficar parado.
 - E você não está com medo?
- Medo? Tenho sim é tesão de viver tudo aquilo que eu ainda não vivi, de encontrar pessoas que ainda não conheci.

Eu tinha quase 30 anos e só conhecia Buenos Aires. Queria viajar, passar uma temporada fora do país, aprender um novo idioma. Boa parte dos meus amigos tinha feito um intercâmbio na juventude – essa era uma experiência que eu invejava, no bom sentido.

Pensei primeiro na Austrália. Para mim, era muito parecida com Florianópolis: azul, mar, surfistas... Decidi, entretanto, que não tinha pressa. Eu podia planejar com calma, apreciar um pouco a vida na cidade sem as agruras de um emprego.

Era hora de apenas acalmar minha mente, viver o presente e deixar os sinais de mudança me chamarem.

Numa dessas, já no clima de verão, me vi em uma festa de inauguração de um bar. Amigos, sorrisos, abraços, brindes de espumante... Acabei cumprimentando um homem que, por coincidência, havia visto no almoço daquele mesmo dia. Era alto, magro, cabelos pretos e lisos que iam até pouco acima dos ombros – mas eu não fazia ideia de sua identidade. Puxei conversa:

- Oi, tudo bem? Curtindo a festa?
- Sim! A festa estar muito bom! falou ele, com sotaque inglês.

- Qual o seu nome? Você é de onde?
- Meu nome é Arthur. Sou de Londres.
- Legal! Estou planejando estudar inglês. Vou me mudar para a Austrália! – comentei, entusiasmado com a ideia que estava se concretizando em minha cabeça.
- Não, você não vai! disse ele, deixando-me atônito diante de sua segurança e determinação.
- Desculpe, acho que eu n\u00e1o entendi rebati, um tanto surpreso com a ousadia daquele desconhecido.
 - Quis dizer que você não vai para a Austrália. Você vai para Londres!
- Como? eu já estava gargalhando diante daquele gringo louco. Lá não tem praia, como vou viver sem este azul ao meu redor?
 - Você vai morar em Londres! repetiu, em tom imperativo.

Será que eu estava recebendo uma espécie de mensagem? Quem afinal era aquela pessoa ali na minha frente? Aquele inglês tinha um olhar curiosamente reconfortante. Londres ressoou em minha cabeça, numa espécie de transe.

Aquele encontro ficou marcado em minha mente. Era como se, de alguma forma, eu estivesse recebendo uma direção clara para minha vida. Arthur e eu nos tornamos amigos naquela semana em que passava férias no Brasil. Mostrei a ele as maravilhas de Florianópolis, ao mesmo tempo em que ele me deixava sedento por conhecer a Inglaterra. Arthur gostava de meditar e praticar ioga. Já tinha viajado o mundo e vivenciado outras culturas, e isso nos fazia conversar muito sobre energias positivas que acabavam conduzindo as pessoas por caminhos interessantes.

No fim daquela semana, eu já tinha hospedagem – na casa de Arthur – garantida pelos primeiros 30 dias, caso eu me decidisse mesmo por Londres. Ele parecia mais entusiasmado do que eu, dizendo que tinha tudo para me dar bem com sua namorada italiana e seu pai, com quem vivia.

Pode parecer estranho, mas, depois de ter sido de fato convencido a ir para Londres, não fiz nada de imediato para concretizar esse plano. Estava convicto de que o caminho iria se desenhar naturalmente. Parecia que eu procurava por outros sinais.

E foi entre meditações diárias e um projeto de videodocumentário com um amigo que um novo recado do universo parecia apontar para a capital inglesa. Eu estava filmando na Praia Mole – ondas, surfistas, pessoas caminhando, a beleza natural... Era fim de tarde e uma festa

animada começava com DJs tocando músicas eletrônicas com percussão. Muitos dançavam, ainda com os corpos molhados depois de um dia inteiro de banhos de mar. A magia do verão.

Avistei um jovem casal fazendo malabares próximo à água. O colorido dos dois era incrível e passei a filmá-los. A menina era loira, usava uma leve bata branca que combinava com sua pele clara, um pouco rosada pelo sol. Ele tinha barba e vestia uma bermuda cinza-claro.

Admirei-os profundamente. Tanto que, depois de registrar as cenas, segui observando-os, com a visão da alma. O que eles tinham de tão atraente? Por que, de toda a praia, aquele casal me encantava tanto? Por que aquela luz parecia diferente?

- Que cena linda vocês com essas fitas coloridas!
 Tomei coragem e os abordei.
 - Obrigado ele respondeu, sem perder a concentração.
- Vocês não têm ideia da energia maravilhosa que sinto ao vê-los aqui neste pôr do sol...
- A gente tem noção, sim, acredite! respondeu a menina, serenamente.

Permaneci em silêncio, com os olhos brilhando. Agora, as fitas coloridas pareciam se transformar em sons, e os sons, em cores. Era uma mistura de sensações que me hipnotizava. Estava completamente absorvido por aquele momento.

- Como vocês se chamam? perguntei.
- Ele é o Rick, e eu sou Marianne disse ela, parando os malabares e sentando-se de pernas cruzadas de frente para o mar.
 - De onde vocês são? Não são de Floripa, não, né?
 - Na verdade, estamos somente de férias disse ele.
- Nós moramos em Londres falou Marianne, virando-se para mim e sorrindo com os olhos, um tipo de olhar que parecia transparecer muito mais do que os lábios diziam.

Para mim, não havia mais dúvidas. Aquela cidade me chamava. Existia em Londres algo que eu precisava conhecer. Isso era certo.

- Parece que vamos nos encontrar por lá, pois estou indo morar na Inglaterra em poucos meses – afirmei com segurança, como se a verdade estivesse, enfim, se manifestando.
- Londres está lá, à sua espera disse ele. E nós ainda vamos nos encontrar muito.

Ela sorriu.

Juntaram suas coisas e se prepararam para partir. Escreveram seus contatos num pequeno pedaço de papel branco e me entregaram. Não disseram mais nada. Somente sorriram e se foram.

Continuei sentado ali, no meio da Praia Mole. Senti o vento da mudança em meu rosto, acompanhado pelo cheiro do mar que aguçava todos os meus sentidos. Nas mãos, a textura do pequeno papel branco. Olhava o oceano à minha frente – a Inglaterra estava lá do outro lado, longe.

Tive certeza de que tinha sido plantada uma semente em minha alma. Mais do que isso, eu tive a confiança de que tudo aconteceria muito em breve.

Data e feito!



CONVENCI-ME DE QUE o primeiro passo era fixar uma data. Determinei: início de agosto. Mas esbarrei em um primeiro e importantíssimo problema: eu não tinha dinheiro suficiente.

Sim, a indenização recebida com a demissão não bastava. Eu poderia vender meu carro, juntar as economias do banco... Mesmo assim, não daria. Pelo menos foi a conclusão que tive depois de conversar com um agente de viagens.

- É tão caro! comentei com ele.
- Sim, Lufe. Mas preste atenção: esse valor cobre a escola, as passagens, além dos trâmites com documentos, vistos etc. Você ainda precisa se programar para alimentação, moradia, transporte...

Ele não parecia querer me desanimar. Mas eu me sentia arrasado. Estudar fora era realmente caro, muito além de minhas possibilidades. Estava vendo meu plano em risco. Será que eu deveria mesmo acreditar quando me diziam que meu sonho era irreal? Que aquele não seria o meu destino? Muitos amigos tentavam me demover da ideia.

Eu precisava acreditar em mim mesmo. Minha fé, afinal, não era inabalável?

Foi assim que, fragilizado, marquei um almoço com Paulo, um jornalista respeitado, e meu amigo.

- Que foi? Que cara é essa?
- Nada, não... Estou só fazendo uns cálculos mentais...
- Cálculos? Para o quê?
- Para minha viagem. Preciso de uma boa quantia até agosto.

- Espera aí. Você ainda não desistiu dessa bobeira? Está mesmo disposto a isso? E eu que pensava que você iria me dizer que já tinha conseguido outro emprego...
 - Claro que n\u00e3o desisti. Voc\u00e2 parece que n\u00e3o me conhece.
 - Lufe, você não precisa fazer isso! dizia Paulo.
 - Como assim?
 - Você não precisa fugir da cidade.
 - Fugir, eu? Juro que n\u00e1o estou entendendo.
- Nós achamos que ainda está traumatizado com a demissão. Você é talentoso, criativo. Se ficar aqui, o mercado vai absorvê-lo. Fique.
 - Nós quem?
- Todos nós. Às vezes conversamos sobre você. Estamos preocupados.
 Chegamos até a fazer apostas para ver se iria ou não nessa viagem.
 - Apostas? Você não pode estar falando sério!
- Era de brincadeira, claro, mas pensa na loucura que está querendo fazer. Você não tem mais 20 anos. Acorda! Seu tempo já passou. Está na hora de parar de sonhar e colocar os pés no chão, sabia?
- Eu agradeço sua atenção, Paulo, mas acho sinceramente que estamos enxergando essa situação de dois pontos de vista bem diferentes.
- Escute meu conselho. Não saia da cidade, pois, se sair, quando voltar, ninguém mais vai se lembrar de você. Vai procurar emprego e não vai conseguir, pois outras pessoas já terão tomado seu lugar.
- Paulo, você é uma das pessoas que mais respeito, mas não consigo ouvi-lo desta vez. Não quero mais saber de trabalho. Aliás, o que quero é não precisar trabalhar nunca mais nessa vida.
 - Como assim? Você deve ter ficado louco de vez.
- Quero e vou encontrar alguma coisa com a qual eu sinta tanto prazer e trabalhe com tanta naturalidade, que jamais terei de procurar emprego novamente. Existe um talento que é só meu, individual, único e que deve ser encontrado. Imagina se eu quero sair de uma situação onde estava infeliz, desiludido, para voltar ao mesmo lugar, Paulo? Você não se lembra de como eu andava triste nos últimos tempos?
- Por favor, não me leve a mal. Digo isso porque me preocupo com você, mas faça o que achar melhor. De qualquer forma, se mudar de opinião, não precisa ficar envergonhado de me procurar.

Não foi só o Paulo. Muitos outros amigos tiveram a mesma atitude, pareciam querer me salvar de um grande mal, como se meu sonho fosse uma loucura. Leandro, meu melhor amigo, foi o único que se opôs aos

outros: ele me dava conselhos e encorajamento, colocava fogo e me estimulava. Nada que eu não esperasse. Leandro sempre gostou de ver as pessoas realizando seus sonhos.

Eu não iria desistir facilmente.

Uma semana depois, eu estava de volta à agência de viagens. Conversava mais uma vez com Cláudio, o agente. Eu queria analisar as possibilidades de cursos – e principalmente custos possíveis.

Ele me falava dos valores impeditivos sem nem saber que a cada palavra ele rasgava um pedacinho do meu sonho planejado com tanta esperança.

Tocou o telefone, ele pediu licença para atender.

Eu saí da mesa sob o pretexto de ir ao banheiro que ficava no segundo andar da agência de viagens.

Eu parei ao pé da escada em caracol e, antes de iniciar a subida, pude observar outros atendentes ajudando seus clientes. Todos bem mais jovens do que eu, acompanhados dos pais, sem se preocuparem com custos e despesas. Só sorrisos.

Tive um sentimento profundo de tristeza. A cena daqueles jovens, com seus pais ricos, era como uma mensagem para mim. Era como se eu escutasse todos aqueles amigos dizendo: "Eu não disse que isso não é para você?".

Momentos assim são muito importantes em nossas jornadas pessoais. São como encruzilhadas. Um caminho que você está seguindo, e que de repente lhe mostra duas direções a seguir. Eu estava lá, parado diante do primeiro degrau, vendo meu sonho desmoronando diante dos sorrisos de tantos outros.

Se essa encruzilhada tinha aparecido na minha vida, eu era a pessoa que devia decidir o caminho a seguir. Se precisava decidir, se o que me esperava dependia de mim... eu sabia bem o que fazer.

Fechei os olhos, respirei fundo e pedi ajuda. Sempre acreditei que há um time espiritual ao meu lado.

Comecei a subir a escada, meditando. Entreguei-me por completo ao divino que, certamente, me guiaria para o melhor caminho. Imaginava que cada degrau vencido era um obstáculo ultrapassado. Eu precisava acreditar.

Mentalizei uma situação positiva. Pedia por uma luz, um sinal, qualquer coisa.

Eu entrei no banheiro com o corpo vibrando, como se pudesse sentir toda essa energia de conexão. Permaneci ali em silêncio absoluto.

Quando comecei a descer a escada, fiquei surpreso com o que vi. Apenas alguns poucos minutos tinham se passado, mas a cena parecia outra. Meu coração estava mais leve e senti uma alegria sincera pelos jovens que estavam prestes a viajar. Olhei para cada um deles, e minha alma se alegrava imaginando as aventuras que viveriam. Um sentimento puro, verdadeiro e lindo.

Quando voltei à mesa do agente, já mais calmo, ele ainda estava ao telefone.

Eu o observava em silêncio, com a mente vazia, conectada ao presente. Não existia passado, não havia preocupação com o futuro. Eu estava inteiro ali, me sentindo completamente em sintonia com aquele instante e com aquela pessoa.

Assim que ele desligou o telefone, falei por impulso:

– Já te contei sobre um projeto que tenho muita vontade de realizar?

Eu nem pensava sobre as palavras que saíam de minha boca. Era algo natural. Eu não tinha projeto nenhum, mas continuei.

- Tenho uma proposta incrível de uma coluna on-line contando sobre a vida de estudantes brasileiros em intercâmbio no exterior. Adoraria aproveitar essa viagem para realizá-lo junto com você.
- Essa ideia é genial! Me traga esse projeto. Quem sabe não podemos fazer uma parceria?
 - Está falando sério?
- Claro que sim! Acabamos de finalizar nosso novo site e quero ter algo inovador que cative a atenção dos meus clientes.
 - Então se prepare, Cláudio, pois você vai adorar o projeto que criei.
 - Me fale mais sobre ele.
- Agora eu não posso, me desculpe. Preciso sair, pois tenho um compromisso importante. Amanhã nos falamos. Combinado?
 - Perfeito. Aguardo você.

Eu precisava sair dali imediatamente, pois ainda não tinha vislumbrado uma possibilidade real. Afinal, aquela conversa surgiu do nada, foi uma inspiração de última hora. A luz que eu tanto pedi começava a se revelar, mas ainda não fazia ideia do que poderia apresentar.

Fui correndo para casa. Minha mente voava e milhares de ideias estavam surgindo. Eu sentia que toda aquela energia criativa começava a

me envolver.

Fechei as janelas do quarto.

Tranquei a porta.

Queria e precisava ficar sozinho.

Sentei-me em frente ao computador. Fechei os olhos e procurei acalmar a mente. Fiquei assim por um longo tempo. Quando despertei, já estava escurecendo.

Olhava para o computador com uma enorme página em branco. Queria um projeto que fizesse minha viagem acontecer, mas que também me desse orgulho – e propiciasse retorno aos outros envolvidos. Em silêncio, respirava calmamente.

De repente, digitei a primeira palavra, que puxou a segunda. Como num impulso de inspiração, comecei a escrever como um louco. Parecia estar em transe. As palavras foram saindo, saindo, enquanto meus olhos se enchiam de lágrimas. Sentia uma forte e poderosa energia de realização.

A madrugada já avançava quando finalizei o projeto.

Na manhã seguinte, fui até a agência e apresentei minha criação ao Cláudio, com uma animação contagiante.

- Aqui está o que você sempre quis!
- Espere, preciso ler com calma ele respondeu, pegando os papéis e se mostrando muito interessado.

Eu não havia feito nenhuma proposta de retorno financeiro. Fiquei tão imerso nas ideias e no conceito que não pensei em como seria a negociação.

Cláudio continuava concentrado na leitura, enquanto eu orava em silêncio, pedindo para que o agente captasse toda a energia que havia sido escrita naqueles papéis.

Lufe, preciso ser sincero com você...

Coração disparou, respiração a mil. Mas a fé, inabalável.

- O projeto é incrível, maravilhoso e realmente tenho interesse em participar, mas não posso oferecer dinheiro.
- Se você gosta do que proponho, como se vê participando? –
 perguntei, acreditando que tudo daria certo.
- Bem... N\u00e1o posso oferecer muito e fico envergonhado, ent\u00e1o sinta-se livre para recusar – disse ele timidamente.
- Não seja tolo, Cláudio. Somos parceiros. Me diga o que tem em mente. – Eu já estava nervoso com toda aquela história.

– Existe uma chance de estarmos juntos. Se você aceitar, posso dar as passagens e a escola em Londres como pagamento, assim como as despesas com o pedido de visto. Você só precisa se preocupar com a moradia. O que acha?

Meu coração foi parar na boca. A emoção e a vontade de chorar cresciam exponencialmente. Ele estava me dando tudo aquilo que eu não teria a possibilidade de comprar! Cláudio não sabia que eu estava sem dinheiro. Fez a proposta financeira como se fosse sua forma limitada de participar, sem saber que era do que mais precisava e que, talvez, fosse a única chance que eu tinha de continuar com meu sonho.

- Claro que sim, Cláudio. Se é assim que você pode, por mim estamos fechados!
 - Fechados! vibrou ele.
- Mas tenho outra sugestão eu disse, sem acreditar no que estava dizendo.
 - O quê?
 - Posso vender outro patrocínio para financiar essa coluna?

Cláudio concordou. E saí imediatamente de lá. Por dentro, eu estava eufórico.

Telefonei para uma conhecida que era diretora de marketing de uma grande empresa de telefonia. Na minha empolgação e deslumbramento, acabei explicando tudo a ela em menos de cinco minutos. E qual não foi minha surpresa quando ela disse que eles estavam precisando, justamente, estimular as chamadas telefônicas entre pais e filhos que moravam no exterior usando seus serviços.

 Por que não vem aqui mostrar o projeto para o diretor da companhia? – sugeriu, entusiasmada.

Fui recebido pelo diretor da empresa e por todo o time de marketing.

Expliquei que iria morar em Londres e que escreveria de lá uma coluna on-line sobre as experiências de ser estudante vivendo num país diferente. Em minha coluna, daria informações úteis para quem planejava viajar, faria entrevistas com estudantes e escreveria muitas histórias que só são possíveis de viver quando se tem a coragem de se jogar numa aventura como aquela. A companhia de telefonia se encaixaria perfeitamente naquele projeto, pois seria a forma de contato dos estudantes com seus familiares e amigos no Brasil.

 Lufe, ontem foi lançado nacionalmente um novo programa de chamadas internacionais. Você apareceu com o projeto certo no momento ideal. Com isso, seremos os primeiros do Brasil a oferecer uma ação para promover esse serviço – falou a diretora de marketing.

Sincronias. Estava provado que existia uma força agindo para que tudo fluísse bem e em sintonia. As peças estavam se encaixando, e eu sabia que precisava estar conectado àquela espiral positiva.

O projeto foi aprovado imediatamente.

Quanto aprendizado continha nesses últimos dias!

Em um momento, todos duvidavam da viabilidade de meu sonho, menos eu. Enquanto tudo parecia me desacreditar, eu me conectava com o que mais acredito mover energias e, em menos de três dias, havia conseguido todo o financiamento necessário.

Eu estava no caminho.

Primeiras vezes



ARTHUR MORAVA COM O PAI em um belíssimo prédio em Notting Hill, uma das regiões mais lindas e conhecidas de Londres. Uma construção branca, de esquina e com apenas três andares. Eu não sabia como classificar seu período arquitetônico, mas sabia muito bem reconhecer que era algo belo.

Reparei nas floreiras arredondadas, nas janelas com rosas vermelhas muito bem cuidadas... Passamos por um pequeno portão preto e adentramos um jardim. Uma escada levava à porta principal. Ao chegar ao saguão, eu me senti viajando no tempo. Era todo azul, inclusive a escadaria que levava ao apartamento. Ao lado esquerdo, havia uma mesa dourada com tampo de mármore e os pés rebuscados. Tinha também um grande espelho dourado que deixaria qualquer colecionador de antiquários enlouquecido. O piso era acarpetado de cor azul-escuro e as escadas ao final do corredor tinham corrimão branco e um deslumbrante vitral florido.

Arthur pegou as correspondências que estavam em cima da mesa e subimos até o primeiro andar, onde ficava o apartamento de seu pai. Eu estava curioso. E também tímido, meio receoso. Afinal, ele estava recebendo com todo o carinho um brasileiro amigo do filho – sem nem ao menos conhecê-lo.

O gelo foi quebrado de imediato. Ver aquele homem abrindo a porta e me recebendo com um sorriso tão receptivo foi marcante. Ele tinha uma estatura semelhante à minha, cerca de 1,70 m. Era magro e visivelmente saudável, com músculos bem rijos para um homem daquela idade.

 Bom dia, seja muito bem-vindo à minha casa – disse, já se oferecendo para apanhar a mala que eu segurava.

Seu nome era Frank. Eu sorri, fingindo compreender o que ele havia dito. Percebi que tinha um ar de sabedoria e maturidade. O tom de sua voz logo me chamou atenção, assim como seu andar calmo com precisão de movimentos. Seu apertar de mãos também era forte.

 Me acompanhe, por favor – disse o Sr. Frank, dirigindo-se ao quarto.

Cheguei a pensar que o conhecia de algum lugar. Para minha surpresa – e certo constrangimento – me ofereceu seu próprio quarto, que em vão tentei recusar.

- Arthur, não... por favor. Não posso aceitar de forma alguma. Eu durmo muito bem no sofá da sala. Seu pai já é um senhor. Não o deixe fazer isso! – eu implorava, desesperado, ao ver aquele homem já idoso oferecendo a própria cama ao hóspede.
- Meu amigo, você ainda não conhece meu pai. Deixe-o fazer como quiser. Garanto que, se não fosse da sua vontade, ele não faria.
- Ok. Obrigado. Thanks eu disse, olhando um pouco sem graça para o Sr. Frank.
- Vou deixá-lo sozinho por alguns instantes. Arrume suas coisas e nos vemos na cozinha. Vou preparar um almoço especial para sua chegada – traduziu Arthur.

O quarto tinha um estilo clássico. As cortinas eram floridas, com a base azul-marinho já desbotada pelo tempo e as flores bem vermelhas. O armário era de época, provavelmente herdado de algum parente do passado. As janelas, enormes, altas e brancas. Era ainda final do verão, e as árvores lá fora estavam cheias de folhas verdes.

Arthur e o Sr. Frank tinham estilos decorativos muito distintos. Enquanto o filho seguia o minimalismo, com objetos modernos e peças de design, o pai gostava de enfeites antigos e decoração com milhares de bibelôs e plantas de plástico. As áreas sociais eram todas revestidas de papéis de parede floridos. Eu, que me identificava muito com meu amigo, achava graça em todos aqueles exageros de decoração que me remetiam a um mundo nada real. Se estava vivendo um sonho, aquele cenário realmente me ajudava a fugir da realidade.

Venha, o almoço está sendo servido.

Eu tentava, bem atrapalhado, conversar em inglês, e o Sr. Frank, em contrapartida, procurava entender o que eu expressava com palavras sem

muito contexto nem senso de lógica.

Aquele primeiro momento, na cozinha, com aquelas pessoas desconhecidas, com uma língua totalmente diferente, e uma casa tão florida e surreal, se tornou ainda mais marcante quando ele serviu o almoço. Era uma comida indiana.

Eu nunca havia experimentado a culinária daquele país. O perfume dos condimentos invadiam meus sentidos e causavam explosões de emoções.

É fundamental perceber esses momentos únicos em nossas vidas. Únicos no sentido de que só vivemos intensamente quando temos a atitude de nos entregarmos de mente aberta às oportunidades e às experiências nunca vividas.

- Está gostando do tempero da comida? perguntou ele, animado.
- Até que não, a temperatura está bem agradável aqui na Inglaterra respondi, achando que estava arrasando em meu inglês.

Seu particular senso de humor ajudou na nossa sintonia. Como Arthur e Annabela estavam sempre ocupados com o trabalho, Sr. Frank acabou se tornando minha melhor companhia na cidade. Às vezes, penso que ele parecia um daqueles sábios de filmes de artes marciais – a qualquer momento me dava uma lição de vida.

Foi ele quem me ensinou a como comprar os passes de metrô, como pedir informações e como chegar até a escola. Ensinou-me até a fazer as compras de supermercado. Mais do que isso, também me provava que a humildade é uma das maiores virtudes. Afinal, aquele homem que havia cedido a sua própria cama para alguém muito mais jovem ainda cozinhava e gastava seu tempo tentando me ajudar.

O que eu não podia era me iludir com tanto conforto. Aquele carinho e receptividade eram uma bênção, mas tinham prazo para terminar. Havia combinado com Arthur: ficaria no máximo trinta dias. Precisava conseguir outro lugar em breve.

- Aproveite para conhecer Londres como turista durante este mês que está em minha casa. Procure entrar em harmonia, conectar-se com a forma como ela pode fazer parte da sua vida. Você precisa entender a cidade em que está vivendo agora – disse o Sr. Frank, certa manhã.
- Acho que compreendo bem respondi, me lembrando da relação de amor que tinha com Floripa.
- Lufe, se eu disser que talvez você não tenha vindo para cá por mero acaso, você acreditaria?

- Claro que sim. Engraçado o senhor falar disso, pois sinto que não estava sendo chamado para Londres, e sim por Londres. Não sei bem ainda, mas com certeza fui atraído de uma maneira muito especial. Acredito que um dia vou descobrir o que vim fazer aqui.
- Talvez a cidade tenha muito a lhe ensinar. É provável que um aprendizado importante esteja em seu caminho – continuou o Sr. Frank, com um tom de voz mais misterioso.
- Algo me diz que sim. Já sinto como se Londres fosse parte de mim mesmo.
- E provavelmente já é, Lufe, mas nem sempre vai ser fácil. A história vai mudar muito quando tiver que bancar todas as suas despesas sozinho. Esta é uma cidade difícil de se fazer dinheiro. Com o inglês que você tem, não vai ser nada fácil conseguir alguma coisa que pague um bom salário alertava o Sr. Frank, com o entendimento de quem já tinha visto muitas histórias de estrangeiros por lá e alguns destinos nada animadores.

Comentários como esses podem destruir os sonhos das pessoas, pois eram reais. Ele não parecia querer me desanimar, mas, sim, me preparar. Se existia uma batalha me esperando, que eu acessasse toda minha força de guerreiro e toda minha visão positiva capaz de encontrar caminhos mais promissores do que de outras experiências já conhecidas pelo Sr. Frank.

Nesse momento, minha atitude era de agradecimento a ele e não de vítima achando que ele me colocara para baixo.

 Pode deixar, vou seguir seus conselhos. Prometo a você e para mim mesmo que minha trajetória aqui será de muita felicidade. Não se preocupe.

Ele me olhou em silêncio.

- Se você se conectar com a cidade e estiver em sintonia com sua vibração, ela sempre irá ajudá-lo. Será sua grande companheira, entende?
 - Como vou saber se estou no caminho certo?
- Lufe, sente-se aqui. Vamos tomar um café e conversar um pouco mais sobre isso – disse o Sr. Frank, com aquele ar de sabedoria enquanto colocava uma chaleira com água para esquentar. – Vejo que está em um caminho pessoal, em uma busca interna, estou certo?
- Estou nessa busca, sim respondi, olhando fundo nos olhos do Sr.
 Frank, prestando atenção em cada palavra que ele dizia.

- Você precisa estar atento aos sinais. Lembre-se disto: estar atento.
 Repita para mim.
- Estar atento! Estar atento! Pode deixar, Sr. Frank, que n\u00e1o vou me esquecer. Mas o que o senhor quer dizer com isso?
- O caminho que você tem à sua frente é longo, mas será iluminado. Se você prestar atenção aos sinais que chegarão a todo instante, conseguirá suas respostas com mais clareza.
- Então, eu ficarei muito atento mesmo, pois assim as respostas virão mais rápido.
- Não se trata de rapidez. Você terá a chance de experimentar muitas coisas ao longo desse caminho, mas deverá ser inteligente para absorver o que tem para ser aprendido.

Fiquei ali quieto, olhando para o Sr. Frank. Eu tinha consciência de que ele era experiente e sábio, e queria escutar o aquele homem tinha a dizer.

- Você tem uma missão aqui ele disse calmamente.
- E estou mesmo disposto a cumpri-la, mas ainda nem imagino o que seja.
- Essa missão só tem compromisso com você mesmo, entende? Então, não se distraia. Por isso a necessidade de estar sempre atento. Suas revelações virão à medida que você se desprender do passado.
- O que o senhor quer dizer? perguntei, sem a menor dúvida de que vivia um momento especial. Tinha a nítida sensação de estar diante de um sábio e de que deveria compreendê-lo com a alma, e não de forma racional.
- Não se prenda ao que você já conhece nem ao que já viu em sua vida. Este é um novo caminho, e os sinais estarão em toda parte, onde você menos esperar.
- Em toda parte? Ficar atento? O que o senhor quer dizer com "onde menos esperar"? – eu perguntava, meio atordoado, mas já assimilando o que ele tentava me mostrar.
- Pequenos sinais podem estar nos lugares mais inusitados, como numa manchete de jornal, em uma pessoa que conversa perto de você, na pergunta de uma criança, em um vento mais quente, uma chuva mais fria, um sorriso mais convidativo. Sinais, Lufe, sinais.

Ficamos em silêncio.

Ele cuidava do café.

Eu olhava para a TV que estava ligada, quando começou um belíssimo comercial de uma companhia aérea. Estava hipnotizado pela sensibilidade das imagens, quando, no auge final, surge uma pergunta intrigante:

Quando foi a última vez que você fez alguma coisa pela primeira vez? Aquela pergunta me tocou profundamente.

- Só entendemos quando estamos com as antenas conectadas disse o Sr. Frank, percebendo minha reação.
 - Mas... um comercial de TV?
- Por que não? Como eu disse... os sinais estarão em toda parte. Talvez essa pergunta seja um grande guia no seu caminho inicial.
 - Como? perguntei confuso.
- Faça sempre essa pergunta a si mesmo ao longo do caminho e assim saberá se está ou não na direção certa. Agora repita a pergunta, internalizando seu sentido real – pediu o Sr. Frank.
- QUANDO FOI A ÚLTIMA VEZ QUE VOCÊ FEZ ALGUMA COISA PELA PRIMEIRA VEZ?

Fiquei observando os movimentos lentos do Sr. Frank, enquanto aquela pergunta ecoava em minha mente. Era instigante, estimulante e provocativa. Vivia ali uma fagulha poderosa de inspiração.

O Sr. Frank trazia duas xícaras de café quente, recém-preparado.

Permaneci calado, observando e degustando aquele momento.

- Sr. Frank? O que o senhor acha...
- Psiu! interrompeu, pedindo silêncio.
- Mas eu...
- Psiu! insistiu.

Eu obedeci, intrigado. Minha mente parecia expandida e acordada, perguntando-se quando teria sido a última vez em que fiz alguma coisa pela primeira vez. Concluí que vivia uma sucessão dessas coisas nos últimos dias, inclusive, naquele momento. Acabara de receber um ensinamento incrível pela primeira vez, vindo daquele homem sábio à minha frente. Sorri sem dizer uma palavra, com os olhos lacrimejados e a sensação de estar no caminho certo. Meu olhar encontrou os olhos brilhantes do Sr. Frank que, silenciosamente, sorriu de volta, concordando com a cabeça, como se tivesse ouvido cada pensamento meu nos últimos minutos ali naquela cozinha em Notting Hill.

Um samba em Notting Hill



FOI QUASE SEM QUERER que aprendi a fotografar. Eu precisava escrever a tal coluna on-line para o Brasil, afinal, eu tinha que honrar os acordos feitos para viabilizar minha experiência em Londres. Não tinha nem computador, nem uma forma de registrar as imagens. Como meu currículo ostentava a experiência na TV, havia incluído no projeto a ideia de filmar pequenos vídeos para o site, com entrevistas e matérias especiais com os estudantes de intercâmbio.

Procurei os equipamentos necessários numa loja de itens de segunda mão. Com o pouco dinheiro que eu tinha, comprei um notebook usado, mas não consegui comprar a filmadora para as entrevistas. Isso era um problema sério, pois, para cumprir o acordo do projeto que vendi para a agência de viagens, uma câmera de vídeos era fundamental.

Estava ali dentro da loja, um pouco perdido sobre qual caminho seguir, quando Arthur, que me ajudava nessa missão, me questionou.

- Por que você não leva uma câmera fotográfica então?
- Ah, não, eu prometi fazer vídeos, e fotos não são a mesma coisa.
- Com o dinheiro que você tem, vai ser impossível conseguir uma câmera realmente boa. Se escrever a coluna, pode usar fotos para ilustrar as entrevistas.

Foi assim, por falta de dinheiro, que minha vida mudou naquele dia.

Comprei uma câmera fotográfica usada, bem barata e fácil de trabalhar no automático. Eu nem imaginava aonde ela me levaria e tudo o que estava para acontecer em minha vida.

Saí da loja e fiquei olhando aquela máquina em minhas mãos. Seria um novo desafio aprender a me comunicar por meio dela.

"Sinais, Lufe, sinais", eu pensava, já sentindo minhas mãos formigarem de vontade de ver o mundo através dela.

O meu aprendizado veio na prática. O Sr. Frank me apelidou de "turista japonês", dada a minha mania de fotografar incansavelmente tudo aquilo que via pela frente. Um dia, ele me levou até um belíssimo parque chamado Holland Park. Eu desembestei atrás de um esquilo, clicando alucinadamente.

- Você viu aquilo, Sr. Frank? Um esquilo! Que lindo!
- É a primeira vez que você vê um desses? ele gargalhava.
- Sim! Corre, corre, preciso fotografar isso! Ninguém vai acreditar!

Sr. Frank é que não acreditava no que via: um homem de 30 anos correndo feito criança atrás de um esquilinho. Mesmo que para ele aquele animalzinho fosse a coisa mais normal do mundo, o Sr. Frank fazia questão de me incentivar a viver plenamente o momento.

Eu me sentia completo em cada instante. Queria me redescobrir. E, ao mesmo tempo, descobrir uma profissão que fosse tão prazerosa a ponto de eu jamais me sentir trabalhando outra vez. Queria produzir, contribuir, construir algo mais bacana na minha vida, e não simplesmente obedecer a ordens de um patrão, horários apertados e salários enxutos. Procurava liberdade. Mas com uma transbordante verdade interna.

Estava cada vez mais apaixonado por Londres, e já me sentia familiarizado e tranquilo em me locomover sozinho pela cidade. Então, eu procurei uma amiga de Florianópolis, Michele, que havia chegado à Inglaterra apenas dois meses antes de mim. Num fim de tarde, eu a encontrei na porta de sua escola. Dali, subimos a pé pela Rua Queensway até chegarmos ao parque mais conhecido da cidade, o Hyde Park, mais precisamente no Kensington Gardens, onde fica a casa onde viveu a princesa Diana. É um pequeno palácio, cercado de gramados bem cuidados e um grande lago repleto de gansos.

- Sente-se aqui falou Michele, apontando para um banco.
- Olha para isso... como pode? Esta é a cidade mais linda do mundo! Que sensação maravilhosa! Você não acha?
 - Não, Lufe, não acho, não.

Olhei para Michele para verificar se algo em sua fisionomia indicava que se tratava de uma piada. Sua cara era séria. Ela não estava bem e passou a próxima hora destilando todo seu descontentamento com Londres, sua amargura com as experiências que vivia e as desilusões tristes que persistiam em turvar sua visão otimista, ou mesmo qualquer possibilidade de satisfação e felicidade com aquele lugar.

- Quero contar para você como é que esta sua "cidade maravilhosa" funciona para que já possa ir se preparando para o pior.
 - Uau... Você está me assustando...
- É bem isso, mesmo. Londres o consome rápido, principalmente se você se ilude com toda esta beleza. Acha que vai poder ficar passeando no parque à tarde, dando comidinha para os gansos com uma infinidade de despesas e contas para pagar? Sabe como é minha vida aqui no dia a dia?

E continuou sua lamúria, falando sem pausas da sua rotina difícil, sobre acordar às 4 horas da manhã para trabalhar, sobre os dois ônibus que precisava pegar para chegar ao seu emprego mal pago e, de acordo com seu tom de voz, nada estimulante, como faxineira de escritórios.

Michele sempre foi uma respeitada produtora de eventos no Brasil. Atuava com público classe A. E, em Londres, havia se tornado faxineira.

- Eles pagam uma miséria prosseguia. Chega o fim do dia, com trabalho, escola e mais todo esse tempo de transporte... Eu estou exausta! Esta cidade vai consumir você, Lufe. Vai acabar rapidinho com este sorriso alegre que está no seu rosto agora. Ou você acha que vai sempre morar de graça em Notting Hill?
- Se não está gostando do seu trabalho, por que não muda e consegue algum perto da sua casa?
- Está sonhando, Lufe? A gente não sabe falar a língua. A única coisa que vai sobrar para você aqui é limpar banheiros! Você vai ver!

Em poucos minutos, meu encantamento por Londres parecia ameaçado. Foi um impacto forte escutar tudo aquilo. Me impressionava o estado de desilusão da Michele. Alguma coisa parecia não se encaixar com o que eu sentia em minha alma. Tinha certeza de que Londres me traria muitas conquistas. Enxergava a cidade com clareza e em nada se parecia com o que ela dizia, mas eu a respeitava por sua trajetória e tinha humildade de aceitar aquilo que eu ainda não conhecia.

Caminhei de volta para casa conversando mentalmente com a cidade, como se fosse uma grande oração, um estado meditativo em movimento, tentando colocar minha essência interior e meus sonhos em sintonia com o que ela tinha de melhor para mim.

Eu decidi que o melhor era não focar no pessimismo das palavras da minha amiga. Entretanto, no fundo, me preocupava com a convergência

mage not available

Siga em frente



NOTTING HILL É UMA DAS ÁREAS mais caras e desejadas da cidade. Prestes a completar trinta dias em Londres, eu precisava deixar a casa de Arthur o quanto antes. Sabia que não teria condições financeiras de manter o mesmo nível de moradia ou um bairro como aquele, mas não perdia as esperanças. Desejava a sorte de conseguir ao menos algo não tão longe dali.

- Você precisa consultar os classificados dos jornais dizia Arthur.
- Existem uns sites especializados em vagas, você deveria procurar ali sugeria Annabela.
- Olhe também nos murais da escola. Com certeza deve haver anúncios por lá – recomendava o Sr. Frank. – Mas, acima de tudo, peça que Londres lhe mostre o caminho para sua nova casa. Tenho certeza de que a cidade sabe exatamente onde você deve estar a partir de agora.

Dentro do meu minguado orçamento, eu encontrava somente lugares muito distantes. Foi quando Michele me telefonou:

- Lufe, você ainda está procurando um lugar para morar?
- Estou, sim, Michele falei meio inseguro.

Eu não fazia ideia do que ela iria propor, mas aquela nossa conversa no parque tinha me deixado com os dois pés atrás. Ao mesmo tempo, não queria dividir apartamento com brasileiros, pois morar com ingleses certamente me ajudaria a aprender a língua mais rapidamente.

- Estou com mais dois amigos procurando uma quarta pessoa para dividir um apartamento. Você não tem interesse? – ela perguntou.
- Olha, Michele, tenho sim... Mas posso dar essa resposta em dois dias?

mage not available

ou meus amigos ainda iriam supor que eu n\u00e1o pagaria o aluguel.
 Precisava conseguir um emprego com urg\u00e9ncia.

Certa manhã, quando preparava um café na cozinha, me peguei olhando pela janela e avistei algo em que nunca tinha reparado: um enorme prédio verde, reluzente sob a luz do sol. Era um hotel bem alto e sofisticado. A menos de uma quadra da minha casa. O engraçado é que, teoricamente, era impossível não ver aquele prédio tão grande a uma distância tão pequena, mas foi a primeira vez que ele me chamou a atenção. Era quase como se falasse comigo.

- Michele, é ali que vou trabalhar! No hotel! eu disse, confiante enquanto levava o café para a mesa.
 - Ok, Lufe, ok. Até parece que você vai conseguir.
- Por que não? Aliás, por que você também não procura algo lá? Assim não precisaria acordar tão cedo nem pegar dois ônibus todos os dias. É só atravessar a rua. Vamos, Michele?
- Nunca conheci alguém tão otimista quanto você. Mas realmente acho que está viajando. Pare de se iludir!
- Pois é ali que vou trabalhar. Perto de casa, fácil de chegar. Vou fazer parte do departamento de eventos desse hotel. Pode acreditar!

Caprichei no meu currículo. Descrevi toda minha experiência como produtor de eventos e, depois, como diretor de TV. Coloquei também minha graduação e minha pós-graduação em Marketing. Sentia-me preparado, forte e decidido a fazer parte do time do hotel ao lado de casa.

Com o currículo impresso debaixo do braço, eu fui até lá procurar informações sobre o departamento de contratação. Meu inglês, uma lástima, mais me atrapalhava do que ajudava. Mesmo assim, eu não perdia a postura e tentava me comportar profissionalmente. Cheguei até a diretoria de Recursos Humanos. Atenderam-me educadamente, expliquei meus conhecimentos e deixei claro que poderia ajudar nas funções de eventos. Ressaltei até a vantagem de morar ali ao lado – estaria pronto para resolver qualquer emergência. Fui embora confiante. Estava convencido de que o telefone tocaria a qualquer momento.

Doce ilusão. O tempo foi passando, passando, e o dinheiro minguando, minguando... Até que necessidades básicas do dia a dia, como alimentação e transporte, começaram a pesar. Evitava andar de metrô, para economizar. Comia somente pães simples comprados em um supermercado barato. Meus companheiros de apartamento trabalhavam

mage not available

Para inglês ver



É HORRÍVEL A SENSAÇÃO de receber um telefonema importante e perceber que não consegue compreender direito o que dizem do outro lado da linha.

- Yes... Sim?
- Lufe, tudo bem? Aqui é do RH do hotel. Surgiu uma vaga. Você ainda está interessado?
 - Yes... Sim... Sim!
- Você vai falar com a Lola. Ela vai recebê-lo no café da manhã do hotel. Eles realizam eventos com o tema caribenho.
 - Sim, sim, obrigado era só o que eu conseguia dizer.
 - Amanhã às 11 horas. Ok?
- Sim, sim, yes... eu continuava, pescando palavras para entender o contexto daquela ligação.

Desliguei. Não podia acreditar: mesmo depois de tudo o que tinha acontecido, eu havia sido convidado para uma vaga. Estaria frente a frente com a Lola, provavelmente a diretora de eventos do hotel. Comecei a imaginar tudo: salas de reuniões, executivos de todas as partes do mundo... Aprenderia muito. E trabalharia a poucos passos de casa. Eu só não conseguia entender onde é que os eventos "caribenhos" entravam nesse contexto. Será que eu tinha entendido errado?

No dia seguinte, no horário marcado, estava eu lá no salão de café da manhã, todo arrumadinho e pronto para impressionar a "diretora de eventos".

– Bom dia, poderia falar com a Lola, por favor?

mage not available

Em meu pobre entendimento, era como se ele estivesse falando algo parecido com *chácafé*, por favor! *Chácafé*, por favor!

Chá café? Como assim? Será que ele queria que eu misturasse chá e café na mesma xícara? Ou será que ele queria que eu levasse um bule de chá e outro de café? Resolvi perguntar ao colega da cozinha, que não ofereceu nenhuma ajuda. Eu estava confuso, e então perguntei à chefe.

- Lola, o cliente da mesa dois está com um pedido estranho.
- Me diga pausadamente o que ele te falou disse Lola.
- Teacoffe please, ticofi plissss!
- Outra vez...
- Ticofi plisss!
- Hum... Fala de novo.
- Ticofi please!
- Entendi. Ele está pedindo decaf, cuja pronúncia seria algo como "dikáf".
 - O quê? E não foi o que eu disse?
 - Não... Decaf é café descafeinado.

Minha cara de espanto foi indescritível. Nem sabia que isso poderia acontecer e gargalhei na frente da minha chefe, que logo chamou minha atenção:

Corre, o cliente está esperando!

Servi o cliente como se nada tivesse acontecido, assim como servi as outras mesas. Ao final daquela primeira manhã, estava exausto, mas confiante. Tinha me alimentado ali, o grupo de colegas não era assim tão disposto a ajudar, mas eu poderia fazer o trabalho tranquilamente, dedicando-me aos estudos e à coluna on-line à tarde e à noite. As coisas estavam se ajeitando, sem contar que eu tinha aprendido a falar "colher", "pires" e até "café descafeinado".

Era hora de me despedir de Lola e saber se poderia ou não continuar no trabalho.

- Já terminei de polir os talheres. As mesas estão arrumadas. Algo mais que eu possa fazer?
- Não, Lufe. Muito obrigada. Você se saiu muito bem e vou agendá-lo para mais três dias esta semana. Que tal?

Eu sorri, concordando.

- Então, até amanhã. Nos vemos às 5 horas novamente.
- Ok, obrigado. Ah... Lola, mais uma coisa. Você precisa contratar uma amiga minha. Ela vai ser ótima para você aqui no café da manhã!

acolhedora e com um piano grande no centro do salão. As mesas estavam luxuosamente decoradas. Na entrada, o letreiro dizia "Champagne Bar".

Uma garçonete simpática e sorridente se dirigiu a mim:

- Boa tarde. Como posso ajudá-lo?
- Bem, eu estava passando por aqui, gostei muito desse restaurante e...
- Espera aí... Você é brasileiro? perguntou ela, em bom português.
- Sim, sou!
- Legal! Olha, temos muito brasileiros trabalhando aqui. Os gerentes adoram. Dizem que somos bons trabalhadores e extremamente simpáticos.
 - Que notícia ótima!
 - O que você está procurando? Está querendo trabalhar?
 - Sim. Você sabe se tem alguma vaga?
- Olha, não sei dizer ao certo, mas sempre que nos procuram damos uma ficha de cadastro. Quem sabe você não preenche e eles te ligam?
 - Acha mesmo que eles ligam? Ou é melhor voltar aqui outra hora?
 - Depende. Você já trabalhou neste ramo antes?

Contei tudo a ela. Preenchi a tal ficha. Saí de lá feliz, mas, ao mesmo tempo, reticente sobre se realmente me retornariam.

Dois dias depois, num sábado de manhã, recebi uma chamada de Jane, a gerente do Champagne Bar. Ela marcou uma conversa para a tarde do mesmo dia. Fiquei animado.

Preparei-me para a ocasião. Vesti um casaco pesado, camisa de botões e um cachecol novo que tinha comprado no dia anterior. Ao chegar, sentei-me em um confortável sofá de couro. Observava as pinturas, as luminárias, os enfeites, a luz que passava pela janela vitoriana, a escadaria... Alguma coisa fazia com que eu me sentisse muito bem naquele ambiente aristocrático, um cenário onde histórias incríveis já deviam ter se passado.

"Quantos nobres ou mesmo celebridades já se sentaram nestas mesas e frequentaram este ambiente?", me perguntava mentalmente.

Eis que Jane se apresentou. Devia ter uns 35 anos, no máximo. Pele bem branca, cabelos castanho-claros e ondulados, com um corte terrível que a envelhecia uns vinte anos. Vestia um blazer cinza com ombreiras, abotoado. Usava óculos de grau estilo fundo de garrafa. Era alta, muito magra e transmitia um ar de superioridade. Mantinha sempre a coluna ereta. Parecia uma governanta malvada, capaz de educar até a mais

forma como ela falava empolgada, parecendo que havia se colocado numa missão impossível que tinha conseguido realizar apesar das aparentes negatividades. Ela dizia que, com o tempo, e se eu melhorasse meu inglês, poderia ser promovido. Tive uma imensa gratidão por ela, imaginando que devia ter enfrentado fortes paradigmas para conseguir empregar uma pessoa tão despreparada.

Combinamos uma conversa para o dia seguinte. Eu já deveria ir preparado para a primeira noite de trabalho.

Comemorei andando sozinho pelo parque. Eu agradecia em voz alta ao universo e a toda sintonia e conexão que sentia com essa luz que parecia me guiar, pois, mesmo sem saber aonde esse caminho me levaria, eu já sentia que dava os passos na direção certa.

- Então vale a pena. Do que você está reclamando? perguntei, impressionado como as pessoas tinham essa estranha mania de só enxergar as dificuldades.
- Reclamando? Você não vê esta roupa? Este uniforme? E as bandejas? E os pratos quentes em meus braços? E os clientes? Eu acho que vou pirar aqui. Não aguento mais esta vida.
- Não imaginava que você estivesse nesse sofrimento. Posso lhe dar uma dica? Deixe de ser garçom, amigo. Saia e vá em busca da sua carreira de ator.
 - Você está sonhando? Só pode!
- Claro que sim, Júnior. Você me conhece e sabe que sou um sonhador que concretiza. E eu lhe digo que não fico neste restaurante nem três meses! Vou trabalhar na minha área profissional. Senão, que tipo de orgulho e crescimento pessoal eu terei? Três meses, Júnior. Três meses! Anota aí.

Eu não compreendia o motivo de as pessoas se manterem infelizes no trabalho. Insistia em crer que a oportunidade ideal sempre estaria esperando por mim, bastava me conectar com meus desejos reais e com o ambiente em que eu estava inserido. No caso de Júnior, com sua beleza, seu talento e seu inglês perfeito, ele poderia estar cantando em musicais ou pelo menos em contato com uma turma de teatro. Ele perdia muito tempo reclamando. Prometi a mim mesmo que iria relembrá-lo de como era talentoso e como algumas coisas poderiam mudar, caso Júnior se concentrasse no lado bom da vida.

Os dias foram passando, e eu encarava uma rotina tripla: manhã no hotel, tarde na escola e noite no Champagne Bar. Geralmente, trabalhava até meia-noite, chegava em casa por volta de 1 hora da madrugada e acordava entre 4 e 5 horas da manhã. Uma rotina puxada – com pouquíssimo tempo para dormir. Não aguentaria por muito tempo aquela vida de carregar peso, descansar pouco e ganhar mal.

Eu queria me recolocar. Tentava convencer o pessoal do restaurante de que eu poderia encarar trabalhos administrativos no escritório. Tinha certeza de que tanto fazia estar na Inglaterra ou no Brasil. Confiava em minha capacidade e iria conseguir me destacar naquele país.

Meus nervos estavam à flor da pele devido ao cansaço extremo e às poucas horas de sono. Certa noite, eu cheguei ao restaurante atrasado, depois de enfrentar uma bateria de provas na escola. Corri para o vestiário. Lá estava um dos brasileiros, uma pessoa muito bacana, que era

para ter o cérebro saudável que eu precisava para minha jornada. Não era por isso que eu tinha largado tudo e deixado o Brasil. Precisava de tempo para minha busca pessoal.

Fiz contas. O que eu ganhava no Champagne Bar dava para sobreviver – pagar os gastos com moradia, alimentação e transporte. Mas, não sobrava nada. Se eu me demitisse do hotel, além de não precisar acordar cedo, conseguiria algo precioso de volta: um bocado de tempo.

- Hoje vou pedir demissão do hotel. Vou agradecer e dizer adeus disse para a Michele, assim que ela acordou e me encontrou sentado na cozinha.
- Você ficou louco? Lutou tanto para conseguir trabalhar ao lado de casa...
- Eu sei. Mas é uma questão de objetivos de vida. Não posso me enganar por facilidades como essa. Eu conheço bem a sensação de ficar preso ao conforto e à estabilidade. Garanto que, muitas vezes, isso nos impede de seguir rumo a um dom muito maior – disse. – Preciso encontrar meu talento. Para isso, preciso de tempo.

Ainda estava escuro quando saímos de casa rumo ao hotel. Era outono e os dias estavam ficando cada vez mais frios no Reino Unido. Caminhamos em silêncio, mas podia sentir Michele num silêncio reprovador.

No meu último dia, queria absorver cada momento para guardar na lembrança, apreciar os pequenos instantes com meus colegas de trabalho, guardar na memória cada detalhe daquele salão e daquelas pessoas. Não iria contar nada a ninguém até o fim do expediente. Coincidência ou não, Lola solicitou que eu treinasse um novato.

Era um jovem africano, muito prestativo, mas tão perdido quanto eu em meu primeiro dia – com a diferença de que já falava inglês. Ensinei-o com a sensação de que passar a bola para ele era o sinal de missão cumprida, de encerramento de um ciclo.

Faltando pouco tempo para o horário de fechamento do café da manhã, quando já não imaginávamos que teria mais clientes, uma família superelegante adentrou o salão do café. Um senhor de cabelos brancos, blazer de couro marrom, muito bem apessoado. Uma mulher de meia-idade, cabelos negros e longos, ar chique e elegante – via-se que tinha bons modos e uma postura de dama. Duas moças. Uma morena de cabelos longos, tão parecida com a senhora que obviamente devia ser sua filha. Usava enormes óculos escuros e jaqueta de couro vermelha. Linda,

Dia de turista



PEGUEI A CÂMERA. Mesmo estando exausto fisicamente, só essa pequena mudança já renovou minhas energias. Eu teria a oportunidade de passar um dia como um turista legítimo em Londres.

Aquela família se encantava com tudo enquanto caminhávamos pelas ruas com as folhas vermelhas e amarelas das árvores marcando o outono. Aos poucos, eu começava a me sentir íntimo deles e a ser tratado como mais um no grupo. O pai se chamava Heitor. A mãe, Elaine. Aline, a morena, era filha do casal. E Larissa, a neta. A loira era uma amiga da família. Chamava-se Verônica. Elas eram vidradas em fotografias, ou melhor, em serem fotografadas. Qualquer cantinho da cidade era um cenário perfeito para uma nova pose. Como eu era o diferente, era sempre eu quem fotografava enquanto passeávamos maravilhados pelos pontos turísticos importantes de Londres.

- Mas como assim? Você teve coragem de largar uma vida confortável no Brasil para se tornar garçom em Londres?
- Eu não troquei nada por nada. Não vejo as coisas assim. Estou somente vivendo a minha vida, deixando as coisas acontecerem fora do quadrado, entendem? Se eu morrer amanhã, não levo minha casa, meu carro, meus bens... Mas levo tudo isso, essas experiências que acumulei. O que vale mais?
 - Eu nunca teria coragem disse Elaine.
 - Eu teria! exclamou Verônica.

Aline concordou, com brilho nos olhos.

 Não se trata de trocas nem de escolhas. Trata-se de fases. Estou numa busca espiritual maior – frisei.



De uma coisa eu estava completamente certo: não desperdiçaria aquela chance. Na hora marcada, estaria lá. Preparado. Pronto para conquistar a vaga.

Ah, outra coisa que tive certeza: notícia boa é a melhor coisa para curar ressaca.

que nem sequer me avisou da impossibilidade de comparecer.

Eu, na verdade, gostaria de ter um emprego na agência. Imaginava-me como uma espécie de agente de novos negócios, que poderia criar os pacotes de viagem e inventar soluções que atraíssem mais clientes. Contei a ela sobre minhas experiências profissionais e como pretendia seguir carreira na área de Marketing em Londres.

– Vou ser sincera: não acredito que Alberto, conhecendo ele como conheço, tenha algum interesse em algo que não seja vender passagens para você. Mas estou impressionada com seu currículo e ficarei com ele aqui. Além disso, vou pensar em alguma coisa que, de repente, possamos desenvolver juntos.

Saí sem a menor expectativa.

Por isso, quando perguntei à Margareth como meu currículo havia chegado até ela, nunca imaginaria que Angélica, com sua delicadeza e disposição, havia o encaminhado para a coordenadora de recursos humanos da M&Tony's, achando que minhas qualificações deveriam ser aproveitadas por aquela empresa.

- Angélica, da agência de turismo?
- Sim, Lufe. Ela me falou muito bem de você. Elogiou sua personalidade e energia. Vejo que ela tinha toda razão.

Saí daquela reunião com uma conclusão importante: existe um plano perfeito para todos nós. As pessoas certas são colocadas em nosso caminho, mas nunca sabemos de onde surgirão. Portanto, não podemos ficar com os braços cruzados esperando por um milagre. Temos que continuar tentando, sem parar.

As maravilhas que poderiam se manifestar em minha vida viriam também de lugares e pessoas dos quais eu nunca suspeitaria. Bastava agir com honestidade – e deixar o universo cuidar do resto. Realmente, um poder superior age por caminhos e forças que desconhecemos.

Eu tinha pedido para que o universo se manifestasse a meu favor. Uma força maior e muito poderosa sabia a hora e a forma de agir. E ela só agiu porque eu não fiquei de braços cruzados, à espera de um milagre. Quando nós agimos em direção aos nossos sonhos e aos nossos objetivos, colocamos uma força muito grande em movimento. E essa é a ação necessária para fazer as coisas acontecerem. Era isso que eu conseguia compreender.

Existia um poder maior atuando em minha vida, e eu queria estar conectado e em total sintonia com ele.

mesmo, com vários quitutes deliciosos. Nozes, damascos, um delicioso vinho francês e um prato principal acompanhado de salada. Como não gastaria com aluguel nos meses seguintes, eu me dei alguns luxos.

Acendi a lareira da casa. Resolvi não colocar CD nenhum. Eu gostava do silêncio. A iluminação indireta, o clima perfeito. Arrumei a mesa com elegância: pratos, talheres, taças de vinho e de água. Acendi uma vela e a coloquei sobre a mesa. Eu tive um calmo e tranquilo jantar particular de Natal, e com a certeza profunda de que eu não estava só, mas, sim, celebrando com todo o time espiritual que me guiava. Estava em estado de extrema conexão com a energia positiva e poderosa que regia minha vida. Eu preferia aquela forma a estar com muitas pessoas, bebendo muito e festejando como se fosse uma festa normal, e não uma celebração do nascimento de um dos maiores líderes espirituais do planeta.

Ao final do jantar, eu sentei-me sobre o tapete em frente à mesa de centro da sala. Acendi umas velinhas que havia comprado com letras coloridas que formavam a frase *Happy Christmas* (Feliz Natal). Naquele instante, a luz do fogo tinha um significado ainda maior para mim. Fechei os olhos e, por alguns instantes, fiquei em meditação. Eu me via iluminado e conectado com aquela casa e com a cidade. Estava tão sintonizado com aquele momento que não existiam mais problemas, dificuldades ou distâncias entre mim e as pessoas que eu amava no Brasil.

Naquele estado de profunda conexão interior, eu orei, pedindo que fosse guiado de forma especial durante o ano que estava chegando. Tinha consciência de que, no momento certo, algumas maravilhas se manifestariam em minha vida. Assim, procurava me colocar no caminho correto para que tudo aquilo que eu desejava se manifestasse.

Ao final, me dei de presente um perfume que comprei em uma elegante loja de departamentos de Londres. Não era prudente gastar aquele dinheiro, pois estava somente com um emprego e em busca de um novo cargo na minha área. Economizar era prioridade, mas enxerguei essa atitude de forma positiva. Era um presente para o novo eu que estava chegando. Mais realizado, mais feliz, mais satisfeito profissionalmente. Já me via usando-o em situações que me orgulharia durante o ano que viria. Abri a enorme caixa de presente que me dei imaginando que esse era o perfume digno para minha nova posição – aquele ato era uma preparação mental e energética para assumir o cargo de diretor de marketing. Era a certeza absoluta na luz que me guiava.

Trinta e um



NAQUELA MANHÃ DO DIA 31 de dezembro, cheguei à estação bem cedo. Era meu aniversário de 31 anos e eu estava eufórico por poder celebrá-lo na Escócia. O trem partiria às 8 horas e 17 minutos.

"Dia 31 de dezembro. Adoro essa data", eu pensava. "31 anos no dia 31. Este, definitivamente, é um dia único em minha vida."

Eu fiquei observando as pessoas passando de um lado para outro na estação. A maioria estava alegre com a expectativa de uma vida nova e mais feliz, um sentimento comum que a véspera de ano novo provoca.

Nasci numa data especial. No mundo todo, as pessoas se abraçam e desejam boas vibrações umas às outras. Não me recordava de nenhuma outra data que unificasse tantos países com o mesmo sentimento positivo. Eu pensava nas palavras de amor, sucesso, saúde e realização proferidas durante todo o dia, até o ápice de explosão à meia-noite, com muitos fogos de artifício no céu. Era mesmo um dia mágico, e eu procurava me conectar profundamente a essa energia.

Michele chegou quase na hora do embarque, e nós dois corremos como loucos felizes pela plataforma. Estávamos dentro do vagão rumo à Escócia, comemorando e rindo da sensação de aventura e emoção.

O trem era moderno, silencioso, com assentos confortáveis e janelas enormes – que davam a sensação de se estar voando baixo. Nos sentamos de frente um para o outro, com uma mesinha entre nós.

– Escócia, Michele! Imagina... Estamos indo para a Esss...cóoo...ciaaaa! Eu comecei a pensar sobre minha evolução como pessoa, como homem, como um ser que tem uma vida para viver plenamente. Eu não me sentia completo, mas estava definitivamente melhor do que anos

Falei de todo o processo seletivo, de como as coisas tinham se desenrolado até ali, das entrevistas, da mancada na última conversa com o chefe e da ligação que agora recebia, anunciando que eu fora o escolhido para ser o diretor de marketing. Diretor de marketing.

– Di-re-tor de Mar-ke-ting!? – ela se surpreendeu.

Saí comemorando pelo trem sem a menor vergonha. Michele a essa altura já festejava comigo, e nós dois começamos ali uma festa. Eu iria trabalhar com Marketing em Londres, como sempre desejei. Que presente de aniversário maravilhoso eu havia recebido!

Sempre tive certeza de que poderia ter tudo o que fosse justo em meu caminho pessoal. E, agora, naquele dia especial do meu aniversário de 31 anos, no dia 31 de dezembro, último dia do ano, eu comemorava o último dia de uma etapa e, acima de tudo, celebrava o começo definitivo de um novo ciclo que, por coincidência ou não, estaria iniciando no dia 3 do 1. Um ano que começaria com a concretização daquilo a que sempre me propus desde que havia chegado em Londres: Vencer obstáculos de forma espiritualizada.

Estava mostrando para mim mesmo e para quem quisesse ver que, quando se tem um sonho e um objetivo maior, não há nada que nos impeça de realizá-los. E isso agora não era mais teoria ou mesmo literatura de autoajuda: era real. Eu estava testando tudo na prática e usando a mim mesmo como cobaia, sem medos. Colhia os frutos do que estava plantando e, mais uma vez, comemorei por estar no caminho certo, na espiral positiva dos acontecimentos.

Abraços e barreiras



DIA 3 DE JANEIRO, às 8 horas e 15 minutos de uma manhã gelada e azul. Esquina da Oxford Street com a Hanway Street. As ruas ainda estavam calmas, com poucos carros. O sol, tímido.

Estava ansioso para começar minha nova vida. Fiquei parado naquela esquina por alguns minutos. Agradecia, me considerando imensamente abençoado. Aquela manhã era única, e eu aguardava o relógio marcar 8 horas e 30 minutos para apertar o interfone e dar início a tanta coisa que me esperava. Sentia o sol em meu rosto e um friozinho gelado, que dava uma sensação de conforto.

Na véspera, eu tinha comunicado ao Champagne Bar o meu desligamento. Fiz questão de falar com minha chefe, Jane, e agradecerlhe por ter acreditado em minha capacidade de realizar um bom trabalho. Ela parecia orgulhosa do *coffee station boy*. Fitei-a de forma carinhosa e, no fundo, percebi que ela também tinha um sonho enrustido por trás dos óculos e da atitude austera. Minha história de desprendimento e de muita determinação a instigava a buscar seus próprios desejos, provavelmente bem maiores do que aquele cargo de gerência do restaurante.

- Mas você vai ser diretor de marketing ou fazer parte da equipe de marketing? – perguntou-me ela.
- Vou ser o diretor mesmo. Era o que eu fazia no Brasil e essa foi minha pós-graduação também.
 - Você me inspira. Desejo que seja muito feliz.
- Jane, sei que parece estranho, mas nós nunca nos abraçamos. Agora, que estou de saída, me dá um abraço?

sem nenhum rodeio. A apresentação do que fora discutido entre nós deveria estar pronta na data certa. É claro que eu tinha medo de me apresentar na frente de tantos gerentes importantes na convenção sem saber falar inglês bem, pois havia a possibilidade de ser uma situação constrangedora. Porém, isso me deixava ainda mais excitado e disposto a enfrentar o desafio.

palco ao meu lado e participavam ativamente do plano que desenvolvi com minha equipe. Uma vez ou outra, eu perguntava alguma coisa para Marcondes, que me ajudava sem constrangimentos.

 Marcondes, como falo "desenvolver"? Marcondes, por favor, como falo "criar"?

Marcondes, como falo: "permitir", "acreditar", "motivar", "investir", "buscar", "alcançar"?

Estava fazendo com que o chefe falasse em voz alta palavras importantes para a realização dos projetos que estava apresentando. Os participantes se contagiavam, acreditando que tudo realmente poderia ser realizado.

Neste clima de busca por resultados concretos, mas com a leveza de quem se diverte ao trabalhar, fui passando as lâminas do plano de marketing com tanta descontração e, ao mesmo tempo, tanto profissionalismo, que ia conseguindo a aprovação de todos os gerentes em relação aos projetos criados para o decorrer daquele ano. Era como se estivesse sonhando. As palavras vinham com facilidade, e a resposta do público era positiva. Fiz questão de elogiar o time que estava trabalhando comigo e, por meio das soluções propostas, ganhei a confiança dos gerentes, dos chefes e, talvez, o mais importante: a admiração da equipe.

Quando acabei minha apresentação, todos se levantaram e bateram palmas. Sim, e de pé. Acho até que foi neste momento que voltei à realidade. Eu devia estar em estado de graça, numa espécie de transe. Por um instante, parecia ter acordado ao som das palmas. Todos vieram me cumprimentar pelos projetos apresentados e dar boas-vindas.

Os dois chefes vieram juntos.

- Parabéns pela forma como conduziu a palestra disse Rui.
- Sim, você fez do seu inglês básico o ponto alto, e facilitou a participação de todos e o entendimento correto das ações – disse meu chefe, o "ajudante" Marcondes, entrando no clima de toda aquela experiência.
- E tem mais: não teve medo de encarar o desafio e mostrou-se um mestre em superação pessoal. Era isso que esperávamos de alguém que será tão importante na motivação de todos os funcionários – complementou Rui.

Naquele momento, eu me lembrei da oração feita pouco tempo atrás, em que, sem saber como, pedi que meu ponto fraco fosse transformado em vantagem. Isso tinha acabado de acontecer de forma surpreendente e,

dentro de um sonho. Desci as escadas correndo, abri a porta da entrada com força. Sentia cada floco de neve em meu rosto. Olhava para cima e via a consistência daqueles cristais gelados. Pareciam penas de gelo caindo do céu. Abria as mãos, eu queria sentir a neve. A rua começava a ficar toda branca. Em meus ouvidos, tocava uma música dos anjos. Eu, como um louco — ou simplesmente como uma criança —, dançava na rua com os braços abertos, em movimentos lentos. Era um silêncio mágico. Meus olhos não acreditavam no que viam. Eu ria um riso fácil e tinha a sensação de o tempo ter parado, de as obrigações profissionais terem todas evaporado.

Eu abri os olhos. Toda a minha equipe estava lá, assim como muitas pessoas do escritório, ao meu lado, dançando e se emocionando com a simplicidade da natureza. Meus olhos marejaram. Começamos a nos abraçar e dançar juntos. Batemos várias fotografias e, ali, em meio aos companheiros de trabalho, pessoas sérias e preocupadas em serem sempre profissionais, me lembrei do comercial da companhia aérea que o Sr. Frank havia me mostrado. Era muito parecido com o que eu acabava de viver naquele momento. Agora, mais do que nunca, aquela frase me tocava profundamente, pois eu parecia mesmo o personagem do comercial de TV.

– Quando foi a última vez que você fez alguma coisa pela primeira vez?

Quando foi? A última vez?

Que você fez alguma coisa...

PELA PRIMEIRA VEZ?

Tinha acabado de fazer isso. Enquanto via neve pela primeira vez, prometi a mim mesmo nunca deixar de procurar novas emoções e experiências.

- Uau! Que lindo!

O quarto era inteiro decorado em estilo moderno. O armário embutido ocupava toda a parede e era preto, laqueado, com as portas de espelho. A cama de casal também era preta, assim como uma cômoda e a cadeira, que ficavam de canto.

- Estou impressionado eu disse.
- Você não viu nada. Olhe aqui falou Mário, abrindo as janelas que davam de frente para o canal.
 - Que delícia de vista, nem parece que estamos no meio da cidade.

Tudo parecia perfeito, da forma como sempre quis. Pessoas jovens, inteligentes, bem posicionadas profissionalmente. Uma casa perto do metrô, um quarto bem decorado, um clima que se encaixava no meu gosto pessoal. O preço era o que eu podia pagar, e eles aceitavam que eu me mudasse imediatamente.

- Então, o que acham? perguntei.
- Nós adoramos você, acho que vai ser ótimo tê-lo aqui. Aceitamos disse Fred, que se encarregava de receber os aluguéis todo mês e enviá-los para o proprietário.
 - Ótimo, então eu me mudo no sábado.
- Infelizmente, estaremos todos viajando neste fim de semana. Não vai ter ninguém aqui durante o dia. Você não pode se mudar na segundafeira?
 - Não posso, a partir de sábado fico sem casa.
- Bem, temos uma solução: deixamos a chave embaixo do tapete na sexta-feira. Você pega e no outro dia se muda, o que acha? Aproveita e já traz algumas coisas na sexta, para adiantar.
- Como vocês são especiais... Nem nos conhecemos e já me deixam a chave de casa sem ter ninguém aqui? Acho que fechamos mesmo nossa energia. Era o que eu estava procurando.

Naquela noite, eu fui para casa com a cabeça cheia de planos. Tinha não só encontrado o lugar ideal, mas também pessoas com uma vibração maravilhosa — que batia com a minha. Já me imaginava naquela cozinha linda, nas festas no jardim, em meu quarto todo preto de frente para o canal. Estava me sentido abençoado. Naquela noite, eu ainda consegui tempo para arrumar uma mala.

No dia seguinte, quinta-feira, fui trabalhar com um alívio extra nos ombros. Às 3 horas da tarde, aproximadamente, toca o telefone.

- Alô? - atendi.

de penas de ganso. O guarda-roupa era bem pequeno, com uma só porta revestida em espelho e uma única e grande gaveta na parte de baixo. Era antigo, estilo madeira de demolição, que chamou minha atenção imediatamente. As cortinas tinham um tom bege-claro, quase brancas, e as janelas grandes em formato vitoriano davam vista para o jardim cuidadosamente desenhado por um paisagista.

Eu não quis dizer nada, mas o quarto tinha me deixado sem reação. Logo me dei conta de um sentimento diferente, de silêncio na alma. Era estranho, pois não era falta de som, e sim um silêncio que falava muito mais do que uma multidão.

Subindo para o último andar, mais dois quartos. O da esquerda era o de hóspedes. Tinha uma cama de casal, dois guarda-roupas antigos herdados de seus avós e uma lareira em ferro original de mais de cem anos. O piso não era acarpetado, mas de madeira natural. E, por último, o quarto de Hillary. Grande, com paredes amarelas, carpete azul, uma lareira e duas janelas enormes que davam de frente para a rua. Descemos todas as escadas, passamos pelo hall da entrada e pela sala. Em um andar abaixo, ficava a cozinha, o maior cômodo da casa. As panelas estavam penduradas em um suporte no teto, próximas ao fogão. Havia balcões laterais e todos os eletrodomésticos necessários. Uma mesa de seis cadeiras, coberta com uma toalha em tons coloridos, ficava no fundo da cozinha, encostada na janela com vista para o jardim, que àquela hora da manhã estava convidativo para um café. Hillary se apressou em esquentar a água e pegar as xícaras.

Naquele momento, nenhum de nós dois falava muito. Parecia um consenso entre nós.

Eu estava encantado, não apenas com a casa, mas com aquela pessoa.

Tomamos um café delicioso e, então, eu contei para ela sobre o trato já combinado com os jovens da outra casa, mostrando a ela as chaves.

Hillary não insistiu, mas tinha um poder enigmático de persuasão e foi falando das qualidades de se morar ali, de como poderia me ajudar profissionalmente, das pessoas que poderia me apresentar, de como seria maravilhoso morarmos somente nós dois naquela casa incrível.

- Você tem certeza de que não quer mesmo morar aqui? perguntou
 Hillary.
- Não se trata disso a esta altura expliquei. Estou já com as chaves da casa e não acho certo voltar atrás.

O pior bairro de Londres



NA MANHÃ DAQUELE SÁBADO, um carro contratado estacionou na porta de onde eu estava hospedado. Eu não tinha muitos pertences, mas havia acumulado alguns volumes. O motorista, acostumado a fazer pequenas mudanças, me ajudou carregando as malas pesadas. O dia estava ensolarado e eu, atento a tudo, pois, para mim, aquele movimento era muito mais significativo do que uma simples troca de endereços. Não me sentia feliz nem triste. Estava apenas seguindo em frente.

Sentei-me no banco do carona, coloquei o cinto de segurança e pedi que fôssemos para Hackney.

- Vamos para onde? questionou o motorista.
- Para Clapton Pond, mas é muito perto de Hackney, por isso dei a referência. Qual é o motivo do espanto?
 - Você está ficando maluco?
- Como assim? Você está me assustando! comentei, com os olhos arregalados.
- Como pode sair daqui e se mudar para lá? Sabia que Hackney é o pior bairro de Londres? Que lá acontece a maioria dos crimes?
 - Você está brincando...
- E olha pra você! Com essa cara de menino bem-nascido... Vai estar ferrado por lá.
- Você deve estar enganado. Não acho que estamos falando do mesmo lugar. Não parece em nada com o bairro que visitei ontem, quando fui ver a casa.
- Como? indignou-se ele. Você não conhecia? Nunca ouviu falar? Foi lá ontem e já está se mudando hoje?

Primavera



EU TINHA MUITAS AFINIDADES com Hillary, e a vida parecia ter entrado nos eixos. O que eu não conseguia entender muito bem eram suas oscilações de temperamento. Quando levei minha amiga Anne para conhecer a casa, por exemplo, ela foi gentil e se ofereceu para cozinhar um jantar. Ao final da noite superagradável, Anne e eu nos encarregamos de lavar as louças. Ríamos e conversávamos em português, sem perceber que éramos observados por Hillary. Seu olhar era raivoso.

- Vocês estão falando mal de mim? disse ela.
- Nós? Como assim?
- Sinto que estão falando mal de mim. Só porque não entendo o português acham que não percebo?
- Imagina, Hillary... Estamos rindo de tantas coisas, por que acha que estamos falando de você?
- Não... Nada não. Não quero mais falar disso e saiu, com passos firmes e resmungando.

Fiquei confuso.

Alguns minutos depois, Hillary voltou à cozinha e parecia a mais doce das pessoas. Sua voz era calma e delicada. Suas feições estavam bem diferentes do que eram há apenas alguns minutos. Era como se nada tivesse acontecido. Pelo jeito, ela havia se arrependido. Resolvi esquecer o episódio, mas fiquei com uma pulga atrás da orelha. Sabia que algo ali não era normal.

Pelo menos eu podia desabafar com a minha amiga.

sem folhas. Onde estava aquela garra de buscar o algo a mais? Até quando me enganaria com uma vida aparentemente bem-sucedida? Onde estaria o que eu procurava de verdade? Trabalho bom, casa confortável – era realmente isso que eu estava buscando?

Naquele início de primavera, tudo à minha volta estava começando a florescer, e eu, como sempre, fui mais interessado nessas conexões, sentia a chegada daquela estação com muita intensidade.

- Anne... tem alguma coisa em mim que não está muito certa.
- Como assim, Lufe? Você está doente?
- Mais ou menos. Uma doença espiritual, sabe?
- Não, não entendo...
- Quando resolvi largar tudo lá no Brasil, foi porque alguma coisa em minha alma estava precisando gritar mais alto. Tinha algo que precisava encontrar para me satisfazer internamente, para que eu, só depois disso, continuasse meu caminho... Mas agora... Parece que parei de buscar.
 - Adoro suas viagens espirituais.
- Não estou brincando, Anne. Estou falando muito sério. Tem alguma coisa na minha vida aqui que não está me deixando feliz. Sinto isso, está aqui no meu peito.
 - Você só pode estar brincando.
 - Por quê?
- Como assim por quê, Lufe? Você vem pra cá sem falar nada de inglês, consegue morar em lugares bacanas, passar por trabalhos considerados bons em restaurantes e, como se não bastasse, está trabalhando na sua área profissional, no centro do mundo, fazendo campanhas de marketing em várias línguas, e ainda se diz insatisfeito? Infeliz?
- Eu sei que parece loucura, Anne, mas preciso colocar isso pra fora e, se não falar com você, vou falar com quem, então?
 - Desculpe, você tem razão. Pode continuar...
- Não sei explicar direito. Eu tenho a sensação de que não está certo ficar onde estou. Que meu caminho só está começando e já me sinto na obrigação de me dar por satisfeito. É como se estar trabalhando como diretor de marketing e morando onde estou fosse o máximo que eu poderia conseguir. Mas minha alma vive gritando aqui dentro que o motivo pelo qual eu comecei essa jornada não tem nada a ver com o que está rolando na minha vida. Tem algo para acontecer, Anne. Eu sei disso. Minha intuição está muito aguçada.

Amor e carinho



AQUELA INQUIETAÇÃO QUE SENTI pela manhã, no Mercado das Flores, me deixou preocupado. Por muitas vezes, durante aquela semana, eu tentei desviar os pensamentos, brigando comigo mesmo para dar mais valor às bênçãos que estava recebendo. Tinha consciência de que meu trabalho era maravilhoso, que era cercado de bons amigos e vivia uma vida confortável. Não entendia o porquê da sensação de ter abandonado minha busca, meu objetivo maior.

O motivo de minha insatisfação era lógico. Eu sabia bem o que era ser um profissional reconhecido em minha área. Já conhecia como funcionava o sistema de corporação: empresas, hierarquia, horários, metas, projetos... Foi exatamente tudo isso que me fez querer mudar de vida. Mas, agora, parecia que somente o país tinha mudado, pois a rotina estava muito parecida com a que eu vivia no Brasil.

Queria a sensação de prazer em ser quem eu era, fazendo o que fizesse. Desejava estar atento a tudo a meu redor, vivendo intensamente o momento presente. Queria uma rotina estimulante. Encontrar pessoas incríveis pelo caminho. Uma profissão que fosse a própria extensão da minha alma, tão livre quanto meus sonhos.

Estava em estado de busca constante e não queria parar. Mesmo com tantas situações mostrando que eu deveria sossegar, sentia que meu caminho era ainda mais longo e, por isso, continuaria sem medo.

Em uma noite, após o trabalho, peguei o metrô e, como de costume, desci na estação de Bethnal Green. Daquele local, eu tomava um ônibus para completar o trajeto até a minha casa. Na saída da estação, onde

passava todos os dias, vi uma placa que nunca havia percebido antes: London Meditation Centre – ou seja, Centro de Meditação de Londres. Uma seta indicava a saída da direita.

Fiquei parado diante daqueles dizeres por alguns instantes. Senti um impulso irresistível de seguir aquela seta. Era como se as letras brilhassem de uma forma diferente. Meu coração começou a pulsar mais rápido. Subi as escadas e saí do lado oposto. Curiosamente, havia uma outra placa indicando o Centro de Meditação. Fui caminhando naquela direção, me perguntando o porquê daquela decisão. Não era ligado à religião alguma, eu simplesmente acreditava na fé.

"E se quiserem que eu me torne um monge?", pensei. "Não estou preparado para isso."

Cheguei a um templo simples, mas muito bonito, todo com tijolos à vista. Ficava de esquina e tinha uma pequena porta lateral de onde se via que a luz estava acesa. Curioso, mas com um certo receio, fui ver como as coisas funcionavam. Enquanto olhava à procura de alguma informação, a porta se abriu e dei de cara com um homem alto e magro.

- Desculpe, eu só estava tentando ver o que acontecia. O Centro de Meditação é aqui mesmo, não é?
 - Sim disse ele. O que você procura?
- Não, nada... Estava só de passagem e fiquei curioso. Você trabalha aqui?
- Não, eu vim para a aula de meditação. Começa daqui a quinze minutos. Por que você não participa?
 - Aula de meditação?
- Sim, o templo oferece essas aulas ensinando algumas técnicas de meditação para quem quer praticar sozinho.
 - Que interessante.
- Entre, vá falar com a atendente. Vou até ali na esquina pegar um livro que encomendei semana passada. Nos vemos daqui a pouco – falou, já saindo e virando a esquina.

A porta estava aberta e pude ver um pequeno jardim muito bem cuidado. Estava todo iluminado com pequenas luzes brancas que davam a sensação de vaga-lumes no céu. Havia também uma fonte de água e uma música tranquilizante. Resolvi entrar. Fechei a porta com cuidado. Caminhei pelo jardim e cheguei à recepção. O clima lá dentro era de muita calma e era possível sentir um cheiro especial. Devia ser incenso.

Olá, boa noite – disse uma senhora simpática.

- Boa noite.
- Você veio para as aulas de meditação?
- Bem... Eu... Estava passando... E...
- É a sua primeira vez, não é?
- Sim. Quer dizer, eu adoro meditar, faço isso em qualquer lugar, mas nunca estudei sobre isso, não sei técnica nenhuma. Simplesmente fico com a mente quieta e sinto uma conexão com algo maior e comigo mesmo.
- Uau... Você parece saber a sensação de meditar. Então, agora, quem sabe não foi trazido até aqui para aprender a expandir essa sensação?

Trazido aqui? Expandir essa sensação? Aquelas palavras ecoaram em meus ouvidos como um atendimento às minhas preces. Existia uma energia agindo sobre mim. Estava numa espiral positiva.

- Sim, acho que sim! Como posso fazer para participar?
- Muito simples. Venha até esta sala. Deixe aqui seus sapatos. Pode tirar os casacos também.
 - Ok.

Deixei sapatos, casacos e bolsa em uma espécie de vestiário misto.

- Agora, venha. Ainda faltam alguns minutos disse a senhora, já me levando a outra sala, onde cerca de vinte pessoas estavam em pé, conversando em tom muito baixo. – Aqui temos um chá bem quentinho e alguns biscoitos. Por favor, sinta-se à vontade. Vamos chamá-los daqui a pouco.
- Obrigado respondi, percebendo que estava sozinho em meio àquelas pessoas que já se conheciam. Fiquei intrigado e tive vontade de ir embora, mas acreditava não ser por acaso eu ter sido levado até ali.

Ao chamado de um instrutor, todos se sentaram em círculo. Um homem calmo e com uma aura de paz deu as instruções de como funcionavam as práticas. Naquela noite seria ensinada a meditação chamada *Love and Kindness* – ou Amor e Carinho.

Fomos conduzidos até uma sala em tons de azul. O instrutor acendeu um incenso e nos pediu que apanhássemos as almofadas que se encontravam no canto da sala. Explicou como sentar de forma que ficássemos confortáveis durante todo o processo. Eu estava muito feliz. Sentia meu coração em paz. Minha mente se concentrava em tirar o melhor proveito daquela oportunidade.

– Hoje praticaremos a meditação Love and Kindness. Quem está vindo pela primeira vez? Somente três pessoas levantaram as mãos, além de mim.

– Esta meditação consiste em quatro passos simples, e eu guiarei vocês. Será uma ação consciente, alerta. Ela não tem o objetivo de acalmar a mente, e sim expandi-la. Talvez tenham revelações importantes nesta noite.

Eu estava encantado. Era exatamente o que procurava.

– Fechem os olhos. Respirem fundo. Tentem abstrair os estímulos externos. Esqueçam as preocupações do dia a dia. Entenda que o que você procura está dentro de você, e não no mundo exterior. Então, conecte-se com a sua verdade interior. A respiração é uma forma de trazer sua atenção para seu corpo. Atente-se a como esse processo de respirar e expirar funciona – continuava ele.

Eu estava superconcentrado.

 Agora fixem sua atenção mental na ponta dos seus pés. Agora no pé inteiro, sinta-os. Deixem essa atenção e essa energia subirem para suas canelas, joelhos, coxas etc.

Assim, ele foi guiando o processo inicial, até percorrer o corpo todo: órgãos, membros, pescoço, face, olhos e assim por diante. Ao mesmo tempo que eu estava relaxado, podia sentir meu corpo em toda sua plenitude, como uma energia percorrendo das pontas dos dedos dos pés até o topo da minha cabeça. Alguma força maior, mais intensa e poderosa, passava por meu corpo. Era minha própria energia originandose de dentro para fora.

Após alguns minutos me deliciando com essa sensação de contato total comigo mesmo, o instrutor continuou:

– Vamos, então, ao primeiro passo do Love and Kindness. Pense em você mesmo. Concentre-se em todas as qualidades que mais admira em sua própria pessoa. Podem ser coisas bobas e simples, mas das quais você se orgulha muito. Dedique-se agora a admirar-se com amor.

Nem sempre é fácil destacar as próprias qualidades. Pensei em como era um bom filho, em como sempre fui ótimo aluno e como tratava bem meus amigos. Tinha orgulho de ter me colocado naquele caminho de busca. Gostava de saber que acordava sempre de bom humor, mesmo nas segundas-feiras chuvosas. Sentia autoadmiração pela garra e coragem de realizar meus projetos pessoais. Gostava da minha aparência simples, mas saudável. Tinha orgulho dos meus talentos. Amava meus olhos azuis – não só pela cor, mas também pela forma como enxergavam o mundo, sempre por uma perspectiva mais positiva. Minha mente trazia milhares

de motivos pelos quais eu me amava e todos eles eram ligados a algo muito maior do que coisas materiais ou de aparências. Nunca tinha parado para pensar em como eu era lindo por dentro e, agora, ali, minha alma estava me dizendo isso como se fosse uma voz interior branda e sincera. As lágrimas escorriam, mas eu me mantinha em estado meditativo intenso.

– Vamos agora ao segundo passo. Pensem em alguém por quem tenham profunda admiração. Alguém de quem sintam orgulho pelas atitudes. Aquela pessoa que você simplesmente admira, sem nenhuma obrigação.

Comecei a pensar em meu amigo Leandro. Sem dúvida, ele era uma pessoa que eu admirava muito. Alguma coisa nele era especial. Sempre disposto a ajudar. Sua característica mais forte era o incansável desejo de ver os amigos progredirem. Estava sempre impulsionando as pessoas a realizarem seus sonhos e desejos. Era um filho maravilhoso. Foi um estudante determinado e, agora, era uma das maiores promessas da empresa em que trabalhava. Estava programando filhos com a esposa e, certamente, seria um pai perfeito e excelente companheiro. Era muito bem-sucedido em sua profissão. Tinha um humor bacana e, ao mesmo tempo, só se sentia feliz ao ver os outros felizes ao seu lado. Ficava em êxtase com histórias de superação e de sonhos. Eu realmente o admirava e sentia que o inspirava também.

– Neste momento, antes de entrarmos na terceira fase, vamos colocar você e essa pessoa admirável juntos – disse o instrutor. – Pense em vocês pertencendo ao mesmo grupo de energia. Veja os dois se encontrando. Sorria para essa pessoa. Sinta como sua energia maravilhosa se funde com a dela. Veja como brilham e emanam uma força do bem, do amor, juntos.

Foi intenso. Senti a expansão do meu próprio corpo, que se conectava com a luz de Leandro. E, então, com uma luz divina ainda maior. Sorria com a alma.

O instrutor prosseguiu:

– Neste terceiro passo, imaginem alguém que não conhecem, ou melhor, sobre quem vocês não têm informação alguma. Pode ser o porteiro do prédio, a menina do caixa do café onde você foi hoje de manhã, a vizinha, uma pessoa do trabalho com quem vocês não têm contato... Qualquer pessoa sobre quem não tenham muito conhecimento.